

Quem saiu do governo foi o símbolo



**Marcos Sá
Corrêa***

A demissão da ministra Marina Silva soa a notícia que nasce velha. Saiu agora? Por que só agora? Ela dava a impressão de que estava saindo do governo há muito tempo, talvez desde o dia do ano passado em que entrou no gabinete do presidente Lula demissionária, para discutir a licença ambiental da hidrelétrica no Rio Madeira, e voltou anunciando a criação do Instituto Chico Mendes por medida provisória, que multiplicou o Ibama por divisão celular. Com isso, ela trocava uma derrota na Amazônia por uma vitória burocrática em Brasília. E a Amazônia era seu forte. Ou não era?

Não era. Pelo menos foi ali, de preferência, que o governo Lula se esmerou em emparedar a ministra do Meio Ambiente. No ano passado, o PAC foi o atestado oficial de que Marina Silva tinha ficado para atrás, em seu próprio território. Na Amazônia, onde ela queria botar, com fé meio cega, mas sincera, assentamentos de sem-terra, reservas indígenas, populações tradicionais e outras trincheiras muito sociais e pouco ambientais das políticas de conservação da floresta, o governo resolveu pôr estradas, portos, canais e usinas, anunciados como o tensivo descaso pela ministra.

Não é de ontem que Marina Silva estava à sombra da ministra Dilma Rousseff, que é francamente hostil ao ambientalismo, como todo administrador essencialmente autoritário. Abaixo da Casa Civil, o ministro Mangabeira Unger ultimamente se arvorou de palpiteiro-mór do desenvolvi-

mentismo na Amazônia, tomando as rédeas do PAS, que não passa de um PAC regional com outra sigla. Ou seja, até as funções indefiníveis do ministro de Assuntos Estratégicos passaram a valer mais que as da ministra do Meio Ambiente. Demitida pelo visto ela já estava. Faltava só demitir-se, antes que o segundo ou o terceiro escalão do governo atropelassem sua pasta.

Quem saiu agora do governo foi o símbolo Marina Silva, ele mesmo um tanto puído pela fricção com um chefe que, claramente, nunca levou esse negócio de Meio Ambiente a sério, se é que leva assuntos a sério. Mas Lula não fez isso sozinho. Marina Silva ajudou-o, desgastando-se, com excesso de política e falta de gestão, que dividiram seu ministério entre amigos próximos e funcionários distantes, senão insurretos, ou entre parques nacionais sem dinheiro até para cobrar ingres-

sos e verbas prioritárias para armar em Brasília o Instituto Chico Mendes, que até agora dividiu recursos, sem multiplicar resultados do Ibama.

Por dentro, sua demissão mudará pouco o governo. Ela já estava mesmo meio fora da equipe. Com o secretário estadual Carlos Minc em seu lugar, talvez diminua o ruído. Minc é o abre-alas da escola carnavalesca do ambientalismo brasileiro. Tende a evitar atritos com a vanguarda interna do desflorestamento, para procurar seus adversários o mais longe possível de Brasília. É longe do Brasil, no exterior, que Marina Silva fará falta. Sem ela, o presidente Lula perde a última ficha para frequentar mesas de quem aposta no futuro da floresta. ●

* **É jornalista** e editor do site O Eco (www.oeco.com.br)